



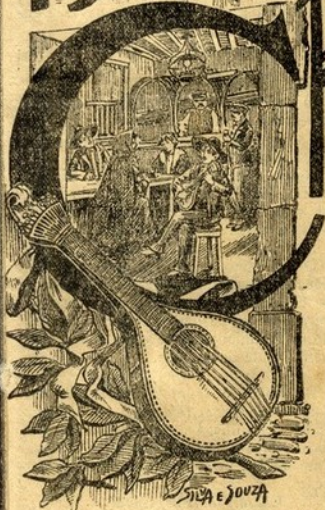
Publicação semanal literaria e illustrada

Propriedade e direcção de JORGE GONÇALVES

Redacção e administração — Rua do Arco a Jesus, n.º 81 - 1.º
Composição e impressão — Sociedade Nacional de Tipografia, Rua do Seculo, 43

NÃO SE RESTITUEM OS ORIGINAES

Assinaturas: Series de 10 numeros 20 centavos (200 réis) pagamento adiantado
Avulso 2 centavos (20 réis)
ADMINISTRADOR-EDITOR — AMADEU DE MACEDO



João Maria dos Anjos

Augusto C. de Sousa
DA SEVERA Á CACHILDA
OS BONS TEMPOS DO FADO

(Recordações de um contemporaneo)
(continuação)

Não é caso esporádico o ouvir-se afirmar que a guitarra nasceu para o Fado. Parece-me, todavia, um erro crasso tal afirmativa. É precisamente o contrario a minha humilde opinião. Não foi a guitarra que nasceu para o Fado, mas sim o Fado que nasceu para a guitarra. Poderá parecer á primeira vista que é a mesma coisa, mas não é. O Fado toca-se, é certo, em todos os instrumentos; em nenhum, porém, são tão bem ao ouvido, como na guitarra. Ao passo que isto sucede com essa mimosa melopeia, dá-se exactamente o inverso com o delicado instrumento! Na guitarra, tocam-se todas as peças de musica, desde o fado até á opera, embora haja quem afirme o contrario. Foi, se não estou em erro, o falecido e eminente guitarrista João Maria dos Anjos, o primeiro que tocou operas na guitarra. Depois d'ele, Reynaldo Varela, Carmo Dias, Julio Silva e outros, também as tem tocado, porque... tem dedos!

Ahi por 1870, quando o Fado, ainda moço, penetrava triunfante nos mais aristocraticos salões da nossa capital, celebrou-se, de guitarra em punho, tocando admiravelmente essa nacionalissima melopeia, o mais exímio e extraordinario guitarrista de todos os tempos: João Maria dos Anjos.

poesia e musica populares—hoje, devotadamente tributa o seu mais fervoroso preito, possui, além d'esse nome já tão justamente celebrado nos anaes do Fado, um coração extremoso de pae e esposo amantissimo, uma sensível inclinação para o cultivo das musas e uma voz, uma bela voz, de surpreendentes e emocionantes efeitos.

Hoje, quasi meio seculo decorrido, deslumbra-nos e também se celebra, com a soberba maviosidade do seu canto, um outro João Maria dos Anjos, um dos mais novos e apreciados cantadores de fado.

Etão extraordinaria é esta homonimia, quão extraordinario é o facto de não existir, entre o João Maria dos Anjos de hontem e o João Maria dos Anjos de hoje, o mais pequeno grau de parentesco, a mais simples afinidade. Apenas um sentimento os aproxima, apenas uma intuição os ligou: a sua veemente paixão pelo Fado. Um para o tocar, o outro para o cantar.

«Vejam agora os sabios na escriptura, que segredos são estes da natura.»

Canções.



nito ou arrastados aos mais profundos e hiantes abismos.

Sempre que o ouço cantar, a minha alma impregna-se d'essa suavissima tristeza, d'essa maguada paixão, que são a ausencia dos fados do João Maria, e sentindo não podar alongar-me mais, ahí ficam, mui) ao de leve traçadas, as qualidades exceçoes que notabilisam o moço cantor; que, excessivamente modesto, não me perdoará, certamente, este pobre e pallido esboço do seu valor, ainda que a minha onsciencia me brade o pouco que isto vale para o muito que ele merece, como subline cultor do Fado e amigo afetuoso.

A. C. de S.

João Maria dos Anjos, o novel cantor a quem a Canção,—no louvavel intuito de consagrar todos os cultores da

ROSA DE AMOR

(Para a C. C. C.)

Se o teu peito fosse o ninho
Do meu triste coração,
Que treme de andar sósinho
No meio da multidão;
Sem saber porque suspira,
Sem saber bem o que quer;
Sómente porque te vira
Um dia em sonhos, mulher!
Se quizeses ser qual ave,
Que ao longe deu com o par,
E foi mansinha e suave,
No mesmo ramo poisar;

lá onde ele consumido,
Noas e horas se vê,
cantando sem ser ouvido,
cantando, nem sabe o quê!
e quizeses dar a vida
Nesse olhar, que me seduz,
os meus olhos cuja lida
E buscar nos teus a luz;
Focurar unicamente
Cnosso olhar confundir,
Snado vedado a essa gente
Vr teus olhos a sorrir!

ABEL A. ALMEIDA.
(Do Grupo «Amigos do Arre».)



Cunha Menezes, D. Antonio Galveias, Alexandre Vila Real, Castelo Melhor, D. José de Avilez, Carlos Relvas, Alfredo Tinoco, Fernando de Oliveira, José Joaquim Peixinho, dos Laus marchantes e dos Canas, nas estrondosas ceaias papadas no Ferrugento, na Quinta do Dourado, no Alfinho, ao Campo de Sant'Ana, na Maria dos Passarinhos, na Quinta do Rego, no José dos Pacatos, no Fadista, na Calçada de Carriche e na Emilia dos Caniços, á Cruz da Pedra, e outros, acompanhando-nos nas magnificas e inolvidaveis esturdias, com traquinanas á desfilada e formosas ciganas de arceadas de oiro e vistosos lenços de sedosa ramagem, fazendo gemer na guitarra a mais pura e dolorosa canção nacional e soluçando, trementes, os belos versos inspirados pelas suas almas poeticas de amorosos plebeus...
«Não imagina as saudades... as pun-

AVELINO DE SOUSA.

Como não ha de o Fado ser idolatrado pelos simples e pelos humildes, se é ele quem lhes dá o conforto moral que os fortalece na luta pela vida?

Tudo passa, tudo termina... — e não morreu ainda a alma portugueza—e não morreu ainda o Fado!

Como é bom perceber no ritual do Fado a grandiloqua elegia do Belo!

Belo Redondo.

Publicam-se todos os originaes que nos sejam enviados da provincia desde que sejam escritos em harmonia com a indole do nosso jornal e que noticiem festas populares ou particulares onde se salientem as canções portuguezas.

gentes saudades que estas coisas me deixaram... Salvaterra, Vila Franca, Chamusca, Setubal, Cascaes, Cruz Quebrada, Almada, foram tambem teatro d'estas estroinices e por lá deixei uns bons pedaços da minha alma!...

«Dos novos, depressa se notabilizaram: Manuel Serrano, no fado *corrido*, estilo do *Borrego*, e Antonio Rosa *Sapateiro*, n'um fado maravilhoso, muito sentimental, conhecido pelo fado do Rosa (16). Deixe-me dizer-lhe que o Rosa tambem cantava, superiormente, o fado *corrido*; era, porém, no seu fado que eu mais gostava de ouvir-o.

«Ouvi tambem cantar um rapaz conhecido pelo Silva *Unhas* (17), e afirmo-lhe que era um verdadeiro prodigio de correção e sentimento.

«Ouvi o Antonio da Azeitona, na Baza-liza. Cantava admiravelmente, e não me esquece Henrique de Castro, o *Castro das Rimãs*, autor e cantor de muito merecimento... Olhe, um motê d'ele:

«D. Sebastião foi queimado na hespanhola inquisição, e hoje ainda muita gente espera a sua aparição.»

«Escutei com sincero agrado o Chico *Plainudo*, de quem me não esqueceu ainda esta sua quadra:

«Não existe a divindade nos espaços sideraes, n'elles vê hoje a ciencia materia só, nada mais.»

(Continúa.)

(1) Ainda vivo.

(2) Falecido ha pouco.

(3) Ainda vivo.

(4) Idem.

(5) Idem.

(6) Idem.

(7) Idem.

(8) Idem.

(9) Idem.

(10) Idem.

(11) Idem.

(12) Idem.

(13) Idem.

(14) Idem.

(15) Idem.

(16) Este fado, adotado por Maria Vitoria, foi por ella muito bem interpretado.

(17) Falecido ha um ano.

**Angariadores de anuncios precisam-se para este semanario, em Lisboa e na provincia. Dão-se commissões vantajosas.**

## Contra o fado

Do sr. Alberto Lopes, recebemos um artigo que, segundo diz, traduz a sua maneira de sentir acerca do Fado, condemnando-o, acompanhado de uma carta na qual nos diz que certamente o não publicariamos em virtude da materia n'ele expendida representar a condenação da melodiosa trova que sempre defendemos nas colunas do nosso semanario.

Estas palavras do articulista que são, pouco mais ou menos, a synthese da sua carta, provam que o sr. Alberto Lopes desconhece até que ponto presamos a lealdade jornalística e provam ainda mais que s. ex., no nosso caso, se reservaria o direito de não dar publicidade a qualquer artigo que porventura brigasse com as suas opiniões. Nós, porém, não pensamos assim, não só porque o nosso semanario é para todos, mas ainda porque a nossa lealdade e respeito pela opinião alheia está acima de tudo.

Eis o artigo na integra:

## Sobre o fado

### A um amigo

Hontem, pelo cair da tarde, n'esse momento perturbador de fragranças subteis e de sorrisos embalsamados a que o sr. Henrique de Vasconcelos chamará a *hora smart*, e em que a torrente capitosa do *odore di femina* inunda o Chiado de silhuetas salitantes accossadas pela aragem fina dos primeiros frios, sob a plumagem arripiada dos abafos, como avesitas tementes, cavaqueávamos á mesa da *Brasileira*, por entre os copitos rutilos do aperitivo, quando perpassou pelo cosmorama animado das montras o perfil estilizado de meio-romantico de José Malhõa.

A' sua passagem, falaste-me do seu quadro, — o mais conhecido e o mais incensado!... — e, crendo que todos os nossos artistas admiram o fado, lembreste que seria interessante convidar a *Canção de Portugal* a abrir um plebiscito, em que eles depuzessem, a julgar pelas boas-graças de Malhõa, em louvor d'ele.

Contrariei immediatamente esse proposito, porque te reservarias um desapontamento completo, uma deceção absoluta. Não, meu amigo; os artistas não admiram nem podem sentir o fado!

E eu te digo... Considerado, em rela-

ção aos artistas, como tema plastico, como assunto pictural, o fado só tem a *mise-en-scène*, por vezes inequalmente suggestiva: os cenários, os tipos e a acção dos costumes d'outros tempos que se ligavam com ele, embora de fórma mais ou menos accidental.

Por isso, quando se fala no fado, o que revive na memoria saudosa dos esturdios de ha trinta anos são os episódios de boémia em que a Mocidade se arrebatava em estos varonis de galhardia e de pujança, nas audácias cavaleirescas da imaginação, que a rijesa dos musculos e a tempera animosa dos corações defendiam a peito descoberto da fúria brava d'um amante traído ou das arremetidas assanhadas da Ordem Pública iracunda, na algazarra atroadora d'uma espera de touros feita na correria desenfreada de tipóias guizalhantes, apinhadas de pandegos atascados de vinhaça, vomitando injurias, e de prostitutas desvaídas de cio; no liquidar d'uma feira á cacetada, entre uma roda de maltezes repontudos, ou na recordação longinqua d'uma ceia «nas hortas» em que os olhos vulcanicos d'uma morena com costela d'arabe fuzilaram promessas d'um amor violento até á vingança sanguinaria de presumiveis ciumes.

Estas cenas em que havia, de facto, um certo colorido, animação e muito do pitoresco das modas, nos trajas e nos tipos, quando se não accentuava ainda a decadencia vital d'uma raça que viria depois a depauperar-se galantemente nos *lunches à clocks* da Marques e nos *lunches feminis* da *Bénard* acompanhadas pelo fado, como por um hino de revolta, podem, pois, fornecer-nos uns quadros de costumes relativamente curiosos.

Mas, fica entendido, o fado entrará n'eles como um simples pormenor, porque o fado, em si, não vale nada, não é nada!

E vê lá: no quadro de Malhõa o que interessa não é de forma nenhuma a expressão intima, — o «sentimento» do fado. As suas figuras não traduzem a menor emoção, a mais leve suggestão de beleza ou de ideal.

Não tem vida, por isso mesmo que o fado é incaracteristico, falho de intenção intellectual e de movimento plastico.

Finalmente falta ao quadro um requisito em que reside a função primacial da arte, porque esta não é a reprodução apenas da fórma exterior: o aspeto objetivo do *sujeito*; consiste, sobretudo, em realçar-

lhe o pensamento, a idéa na mesma razão de ser superior de que o fado carece essencialmente: a belesa moral.

Sob o ponto de vista musical, isto é, na sua qualificação propria, o fado é perfeitamente inferior e dissolvente.

Nasceu á esquina d'uma viéla, no queixume d'uma meretriz esventrada a pontapé por um marujo bebado.

Ela foi levada ao hospital; elle foi preso.

Mais tarde curada, jura o amante vingar-se; e cumprida a pena, lá desce á viéla escura pela noite sem estrelas, de olhar coruscante, apertada a navalha entre os dentes convulsivos...

Pela madrugada, á hora em que morreu a Severa, ao som dos pregões do leite, vão encontrar-a morta.

O fado é isto. O romance sinistro de mareantes e de comborças, vinculado em sangue o castigo infamante de perjurijs d'amor.

Agora, a descripção perversa da vida de cadeia, logo a podridão infecta do hospital, depois ainda o comprazimento do vicio inconscientemente exaltado.

E' o catecismo do Crime.

D'um ritmo gemido e torturado, sem elevação, sem belesa, é a toada plangente da desgraça, na sua cadencia soturna de sofrimento e de amargura, na sua suggestão de fatalidade, que é d'um efeito moral inteiramente depressivo.

De resto, o fado, felizmente, morreu. Caiu de *delitium tremens* a uma sargeta, ruído de siffilis, os olhos desvaídos na visão louca dos seus fantasmas, a cantar n'um derradeiro arranco, espumando vermes:

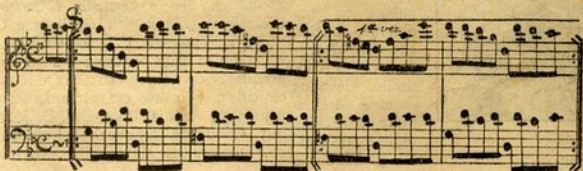
Chorai, fadistas, chorai...

Alberto Lopes.

N. R.—Feita a vontade ao sr. Alberto Lopes, encarregámos o nosso camarada de redação Aveleiro de Sousa de ripostar ao articulista, o que este popular poeta começará fazendo no proximo numero com a competencia já demonstrada perante outros detratores da canção nacional.

«*Feitam-se agentes nas terras da provincia onde os não haja.*»

## Musica de Anthero Bastos FADO D'ALBERGARIA Versos de Eugenio Ribeiro



D'essa tristeza que a gente Vê nos teus olhos, Maria! Poi que nasceu, certamente, o "Fado d'Albergaria".

Tende piedade, senhora. Vinde á janela com getto. Que a minha guitarra chora Com uma queixa de peito!

Freirinha da Soledade, Deixa o convento das Dóres: Quem tem vinte anos de idade Já pode tomar amores.

Antesorrer desgraçada, Sem pa, sem luz, sem calor, Do quevêr-me abandonada Um di: do meu amor.

O meu menino não chora: Cada vez lhe quero mais... Na sua alminha é que mora Todo o amor de seus paes!

Coração bate com getto; Coração tem piedade... Eu trago dores de peito, Do teu bater de saudade!

Dizem n'um canto magoado que a mãe do Fado morreu! Que importa, se a mãe do Fado Teve uma Tilha, sou eu?

CANTARES QUADRAS CONCURSO

Alvorada

Todos os dias, meu bem,  
Te vejo á tua janela,  
Mal a manhã se desvela  
Mal o sol desponta além.

Acordas quando as flores  
Despertam do seu dormir  
E nos voltam a sorrir  
Retomando as suas côres.

Tu acordas quando, a cantar,  
As avesinhas despertam.  
—Seu canto é hino que ofertam  
Ao sol que vem a raiar.

Sonhas ainda. Risonhos  
Os labios tens. Certamente  
Perpassam na tua mente  
As doces visões dos sonhos.

E' d'alva roupagem leve  
A toilette matinal.  
—Acho-te assim divina  
Toda vestida de neve.

Contrastando com a alvura  
Da roupa que tens vestida,  
Possues a trança comprida  
Que abaixo cai da cintura.

Que soberba maravilha  
Os meus olhos estão vendo!  
Em frente de um sol nascendo  
Um sol que já tanto brilha!

Um sol que encanta e fascina!  
Sol fulgente que seduz!  
—E' dos teus olhos a luz  
Brilhante, imensa, divina.

Virgem santa, minha amada,  
Quizera vêr infinita  
A curta hora bem dita  
Que dura cada alvorada.

Era um prazer para mim  
Mais doce de que o Falerno  
Que eu queria que fosse eterno,  
Que nunca tivesse fim.

J. C. Vieira.

Nazaré—1916

Aos nossos assinantes e leitores

Grande sorteio do Natal

Continuamos hoje a publicar o coupon que deverá ser trocado na nossa redacção por uma senha numerada, com a qual os nossos assinantes e leitores ficarão habilitados para o grande sorteio do Natal que se realizará, como temos dito, no dia 24, na presença de um representante da autoridade.

Os nossos assinantes e leitores de Lisboa recortarão o coupon e trocarão-o, quando quiserem, na nossa redacção, pela respectiva senha. Quanto aos leitores e assinantes da provincia juntarão os referidos coupons enviando-os depois em carta fechada juntamente com uma estampilha de 25, a fim de lhes remetermos as respectivas senhas.

Sabemos ser enorme o entusiasmo que lavra entre os nossos estimaveis assinantes e leitores por este

para calça, que será escolhido entre as mais lindas fazendas de que esta casa possui um enorme sortimento.

Da importante

Fabrica de Lanificios de Figueiredo & C.ª R. Duarvão, 22, em Bemfica, onde se fabricam artigos de malha de 1.ª qualidade, honrando sobremaneira a industria nacional,

Um esplendido brinde

escolhido entre os produtos manufacturados neste estabelecimento industrial.

Da popularissima

Casa das Bengalas, na rua da Prata, que é uma das ourivesarias mais chics de Lisboa, onde se encontra um grande sortimento de bengalas, cujos castões são verdadeiros mimos d'Arte.

Um lindo estojo

encerrando um artistico objecto de prata de valor.

Da conhecida e conceituada

Papelaria Serra & C.ª, da rua do Ouro, 73, onde se executam trabalhos tipograficos em todos os generos, especialmente bilhetes de visita, e onde se encontram á venda canetas com tinta das mais acreditadas marcas, pastas e estojos de utilidades diversas, livros commerciaes, copiladores, carimbos de borracha, metal e madeira, artigos de pintura, material escolar, etc.,

Uma linda caixa de papel-de luxo

Da

Casa Tokio, da calçada da Estrela, 45, onde se vendem generos de merceria e de pastelaria de primeira qualidade e a magnifica Cevada do Cairo que substitue vantajosamente o café, e da qual o proprietario d'este conceituado estabelecimento, sr. Manuel Rodrigues, é depositario unico, elegantes pacotes da

Bela Cevada do Cairo

Do distincto artista

Adriano Mourão, com atelier na calçada da Estrela, 15, 1.ª D., e que é um dos mais habéis no exercicio do seu mister

Uma artistica ampliação a crayon

reproduzindo o retrato que para esse fim nos fór enviado.

Nos numeros subsequentes iremos desvendando aos nossos leitores quaes os brindes que nos teem sido oferecidos para este sorteio, e com os quaes o publico em geral caminhará de surpresa em surpresa, tantos e tão variados são os objectos que amavelmente nos teem sido ofertados para o

Se as maguas do coração  
Não te deixam repousar  
Vem lavar-as ao Nabão  
Que o repouso ha-de voltar...

Tomar Um nabantino.

Faz-me pena querida Lua  
Para bem saber cantar  
Para cantar teu amor  
A' branca luz do luar.

Max.

Amei-te um dia e jurei  
Nunca mais te abandonar.  
Por isso quando morreres  
Eu hei de te acompanhar.

Guarda Ramalho Fernandes (Luar).

Quizera ser cantador  
Para bem saber cantar  
Para cantar teu amor  
A' branca luz do luar.

Almiro.

Do pranto nasceu o fado  
O seu destino é chorar,  
Eu que nasci desgraçado  
O meu destino é cantar.

R. J. P.

Eu quero muito ao luar  
Com seus raios prateados,  
Pois que é meigo confidente  
Dos poetas namorados.

Ceia João Serrano.

Minha Patria é Portugal,  
Um torrão idolatrado,  
Fresco jardim divino  
A' beira mar plantado!

Sant'Iago do Cacem.

Jlirio.

A dôr ensina a ser homem,  
A dôr ensina a viver;  
Contra os golpes do azar  
A dôr faz-nos precaver.

Santo Antoninho.

Encostado á tua porta  
Em muda contemplação,  
Surgiu-me a es'rança já morta  
... Era assim tua visão.

Vale.

Já estou farto de implorar  
Que me digam, por favor:  
—Como é que devo pensar  
P'ra ser livre-pensador?

Cintra

Domingos Pavão.

Bem cedo te vim a amar,  
Inda mais cedo a perder-te...  
Antes nunca em ti pensar.  
Se eu não sabia mer'cer-te!...

Artur Santos Camara.

BEBAM A FINISSIMA  
**Agua do Alardo**  
A MELHOR DE MEZA



Fado das ruas

A um velho muro

MOTE

Cobre-te a hera sombria,  
Velho muro abandonado,  
Dentro de ti oiço vozes  
Dos espectros do passado.

GLOSAS

Quando acaso um caminhante  
Te vê, ó muro tristonho,  
Sente n'alma um vago sonho  
D'uma saudade distante.  
Talvez apumado e ovante  
Já fosses com valentia.  
E's corcovado hoje em dia,  
Mas mesmo assim tão edoso  
Cobre-te um manto mimoso,  
Cobre-te a hera sombria.

Os pobres trabalhadores  
Que pouco a pouco te ergueram  
Ha muito tempo desceram  
Aos vermes devastadores.  
Tu vaes namorando as flores  
Mesmo assim adoentado.  
E lembrando o teu passado  
Quando de branco vestias,  
Não podes ter alegrias,  
Velho muro abandonado.

Junto a ti amantes riram  
Pelas noites cismadoras;  
E que juras tentadoras  
As tuas pedras ouviram!  
Mas quantas não se cumpriram  
Dando martirios atrozes.  
Porém taes juras velozes  
Foram por ti decoradas.  
Porque ás horas socegadas.  
Dentro de ti oiço vozes.

E's do tempo da magia,  
Dos duelos e conventos,  
Dos grandes descobrimentos,  
Da lenda e da fidalguia.  
Noite velha a ramaria  
Põe-te todo sombreado.  
E junto a ti alquebrado  
Parece que andam errantes  
As roupagens flutuantes  
Dos espectros do passado.

Emilio Ernesto.

A GUERRA

MOTE

No povo d'além da serra  
Vae a noite em mais de meio...  
—E a pobre da mãe velava  
Unindo o filhinho ao seio.

(Soares de Passos)

GLOSAS

Tocaram Avé-Marias  
Na linda ermida da aldeia;  
Reza-se á luz da candeia  
Pedindo a Deus melhor's dias.  
E, por sobre as serranias,  
A noite o manto desce  
Dando um tom escuro á terra  
De macabros horrores...  
—Não ha socego, ha só dôres  
No povo d'além da serra.

Um silencio sepulcral  
Reina nas habitações,  
Onde se espelham visões  
D'um infame anjo do mal!  
N'isto, ao longe, um som fatal  
De terrivel tiroeteio,  
Se ouve! E em cruel aneio  
Toca o clarim p'ra combate,  
E o sino toca a rebate  
Vae a noite em mais de meio.

Corre o povo estremunhado  
Buscando as armas que tem  
Para defender tambem  
O seu solo tão amado.  
Um rapaz imberbe, irado,  
Sua espingarda destrava,  
Beija os seus e, em voz cava,  
Lança um adeus... Parte á sorte,  
Talvez p'ra buscar a morte...  
—E a pobre da mãe velava!

'Spalha a metralha o terror  
Devastando as duas alas!  
Entre o sibilar das balas  
Essa mãe, em louco ardor,  
Caminha!... E já no estertor  
Encontra o filho, o seu 'steio...  
—Perdendo á morte o receio,  
Ajoelhando sobre a terra,  
Amaldiçoá a vil guerra  
Unindo o filhinho ao seio!

Joaquim S. Capeta.

Grande sorteio

pois que todos sentem o desejo de se habilitarem para receber os

Valiosos brindes

que gentilmente nos foram oferecidos por algumas das mais acreditadas casas commerciaes de Lisboa, cujos nomes não é demais repetir, acrescentando a essa lista o nome do distincto

Astor Jorge Grave

um dos novos que ultimamente mais se tem salientado e que teve a amabilidade de nos oferecer para o nosso sorteio uma artistica

Bengala com castão de prata

Da acreditadissima casa

O Barateiro dos Panistas, de que são proprietarios os conceituados commerciantes srs. Braz & Veiga, cujos estabelecimentos de fanqueiro, camisaria, retrozaria e modas, na calçada do Combro, 91-93, e largo do Poço Novo, 16 e 17, são dos mais acreditados da capital, onde todos os freguezes recebem bonus triplicados,

Uma peça de finissimo pano branco

patente, da marca Gasca d'ovo, para confecção de roupas de homem e de senhora.

Da firma

Julio Gomes Ferreira & C.ª com casa de candelieiros, tintas, fogões, esquentadores, etc., na rua da Vitoria, 82-88, casa esta que muito recomendamos aos nossos assinantes e leitores, como sendo uma das principaes no seu genero,

Um lindo objeto d'arte

que brevemente desvendaremos á curiosidade dos nossos leitores.

Da

Alfaiataria Manuel da Costa, na rua da Esperança, 93-97, onde se confeccionam fatos extremamente elegantes e onde se encontra grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras,

Um corte de casimira ingleza

Grande sorteio do Natal

ESTANCIA DE MADEIRAS  
CARPINTARIA E MARCENARIA  
**Botto Machado, Irmãos**  
GOUVEIA

Madeiras nacionais e estrangeiras  
CONSTRUÇÕES E RECONSTRUÇÕES  
Cal hydraulica, cimentos  
e gazolinas

Móveis em todos os estilos, ferragens,  
tapetes, oleados,  
espelhos, vidros, etc., etc.  
Serviço de mercadorias da estação de  
Gouveia para a vila.

Brevemente, maquinas de serra-  
ção, aplainar, furar e moldar.

**Papelaria SERRA & C.<sup>a</sup>**  
TIPOGRAFIA e LITOGRAFIA  
Especialidade em bilhetes de visita  
Artigos de especialidade e material  
escolar. Venda e aluguer de mode-  
los de pintura e desenho.  
**72, Rua do Ouro, 72**  
Telef. 244 — LISBOA

**CAMISARIA CYSNE**  
Alfredo da Silva  
166, Rua Augusta, 166 — LISBOA  
Completo sortimento de roupa  
branca para homem  
PREÇOS MODICOS

**DROGARIA PROBIDADE**  
DE  
J. VALENTIM  
Produtos e especialidades farmaceu-  
ticas e aguas mineraes, nacionaes  
e estrangeiras.  
Perfumarias, artigos de toilette, bor-  
rachas, esponjas, pessos, etc., etc.  
87, Rua do Poço dos Negros, 85 — LISBOA

Todas as musicas de piano  
Todos os sucessos de dança  
Todas as novidades de canto  
se vendem na  
**Casa Valentim de Carvalho**  
37, Rua da Assunção, 39  
LISBOA

**LIMA NETTO, MOURA & C.<sup>a</sup>** A CAMBIO, PAPEIS DE CREDITO  
TELEFONE 3:844  
Telegramas IMAN  
Rua dos Retrozeiros, 100 a 102 (Esquina da rua dos Sapateiros, 1 a 3)

**Antonio Bastos**  
Comissões e Consignações  
Exportador de Produtos nacionaes e estrangeiros  
Rua dos Remolares, 6, 1.<sup>o</sup>  
LISBOA  
TELEFONE N.º 1487 22, Caixa de Correio, 22  
Endereço telegraphico ANTASTOS

**R. Potau & C.<sup>a</sup>**

**FABRICA**

— DE —

**LADRILHOS MOSAICOS**

Especialidade em lavadouros e depositos  
de cimento armado, tinas e lava-louças  
de granitoide

PREÇOS SEM CONCORRENCIA

Agentes exclusivos da:

**URALITA**  
Para telhados

**MOSAICOS DE LUXO SEGUI**

Machina Iberia para fazer blocos de cimento

**R. Saraiva Carvalho, 143 Lisboa**

Endereço telegraphico: EMPORDA

Ladrilhos mosaicos

URALITA PARA TELHADOS